

# Engenheiro D. Bernardo Ferrão

No dia 22 de Dezembro de 1982 faleceu na sua casa da Rua da Senhora da Luz, na Foz do Douro, o Eng.º D. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora.

Tendo nascido a 14 de Abril de 1913, na Casa do Costeado, em Guimarães, era filho de D. José Ferrão de Tavares e Távora e de sua mulher Dona Maria José do Amaral Ferrão Lobo Machado.

Frequentou o Colégio de La Guárdia (Espanha), e desde muito cedo revelou excepcionais qualidades de estudioso. Nele reparou Alfredo Pimenta que a propósito de uma «Espadelada» realizada no Costeado e para a qual fora convidado, anotou: — «Quando chegamos, estava ainda só a família, os donos da casa: D. José Ferrão e sua mulher, os seus filhos e sobrinhos. O filho mais velho, o Bernardo, empresário da festa, dava as últimas ordens». (Revista *Gil Vicente*, vol. IX, 1.ª série, 1935) e «*Páginas Minhotas*» — pág. 77.

Engenheiro Civil pela Faculdade de Engenharia do Porto, foi funcionário da Direcção-Geral dos Serviços de Hidráulica, dedicando-se depois à construção de obras públicas e exercendo, em paralelo, profícua actividade na profissão liberal. Publicou, dentro da sua especialidade, as colectâneas de legislação *Edificações Urbanas; Urbanização*, (Porto, 1944), *Perfis-tipo e dimensionamento de suportes e revestimentos de alvernaria*, (Porto, 1945), e *Legislação Geral de Construção Civil e Obras Públicas*, (Porto, s/d), bem como a comunicação apresentada ao 2.º Congresso Nacional de Engenharia, realizado no Porto em 1948, intitulada *Impermeabilização no túnel urbano da estrada nacional do Douro, Porto — Elementos para o seu estudo*.

Foi ele o autor do projecto da estrada marginal do rio Douro, a montante da Ponte de D. Luís, e do túnel urbano da Ribeira, bem como do muro de suporte da marginal do rio Douro, a montante da Ponte da Arrábida, tudo no Porto; o executor de inúmeros edifícios e estradas e o pioneiro na utilização dos pavimentos betuminosos, assim como de muitas pontes em que introduziu, em variantes aos projectos oficiais, soluções então tecnologicamente inovadoras, como seja o uso da pré-fabricação pesada e do betão pré-esforçado.

A partir de 1972, por motivos de saúde, foi-se, progressivamente, retirando da actividade profissional passando a dedicar-se, de uma forma mais vincada e sempre crescente, a estudos da Arte nacional, especialmente de mobiliário e cerâmica portuguesas, e depois, e mais acentuadamente, da imaginária luso-oriental em que se tornou apreciado investigador, teorizando e explicitando a sua própria experiência de coleccionador apaixonado.

Esta nova fase dos seus trabalhos iniciou-se em 1967 com a publicação na revista «Colóquio», da Fundação Calouste Gulbenkian, de *Cinco imagens indo-portuguesas de Virgens 'em magestade'*, (n.º 43, de Abril), a que se seguiram *Uma camilha de Menino Jesus, indo-portuguesa, da época de D. Pedro II*, (n.º 45, de Outubro), *Uma 'Árvore de Jessé' de marfim, do séc. XVII*, (n.º 8, de Abril de 1968), *Uma imagem seiscentista da Imaculada Conceição, do tipo 'Tota pulchra'*, (n.º 52, de Fevereiro de 1969), e *A arte indo-portuguesa na exposição de 'Ambientes portugueses dos séculos XVI a XIX' realizada no Porto*, (n.º 57, de Fevereiro de 1970).

Em 1971 iniciou a sua colaboração na revista «Gil Vicente», de que seu pai fora um dos fundadores e co-director, na qual publicou *Uma rara placa de marfim cingalo-portuguesa de motivo alegórico*, (vol. 22.º, 1971), *Um tríptico seiscentista sino-português de marfim*, (vol. 23, 1972), *Imaginária indo-portuguesa seiscentista na Indonésia*, (vol. 24, 1973), *Imaginária Hispano-Filipina e indo-portuguesa*, e *O «Presépio» na Arte Indo-portuguesa* (ambos no vol. 25, 1974).

Nesta mesma revista publicou ainda dois outros trabalhos: — *A propósito duma «cama imperial» dos Marqueses de Cadaval*, (vol. 3, 1972) e *«O Costeado, a sua gente e os jarrões da 'Menina' assassinada*, (vol. 24, 1973).

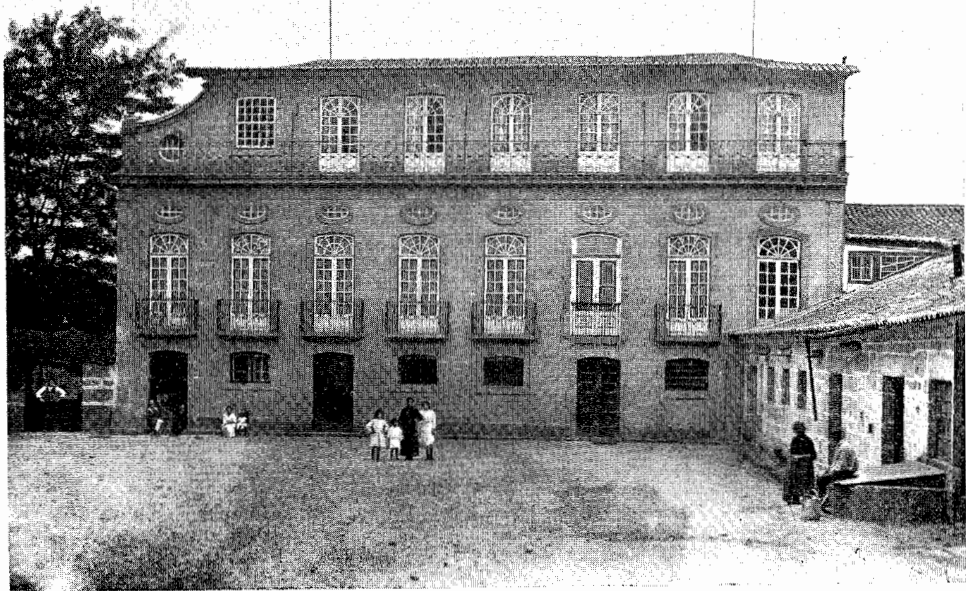
Tendo esta revista ao completar cinquenta anos, suspenso a sua publicação em 1974, passou a colaborar no «Boletim de Trabalhos Históricos», onde publicou *Virgens sino-portuguesas de marfim*, (vol. XXIX, 1978), *Uma extraordinária peça de marfim da arte indo-portuguesa*, (vol. XXX, 1979), e *Mrs. Jack e os seus cofres «Mam-ban»*, (vol. XXXII, 1981).

Tomou parte no Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, realizado em Guimarães de 19 a 23 de Junho de 1979, com a comunicação *Elementos para o estudo arquitectónico-iconográfico da imagem de «Santa Maria de Guimarães»*, (publicada no vol. IV desse Congresso, 1981, págs. 299-333).

Postumamente, e já neste ano de 1983, foi publicado, em edição sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia



Eng.º D. Bernardo Ferrão  
(1913-1982)



Casa do Costado, onde nasceu o Eng.º D. Bernardo Ferrão

de Arte, Ciência e Cultura, o livro *Imaginária Luso-Oriental*, na portada do qual Vasco Graça Moura escreveu: — «É uma obra imprescindível que, juntamente com a futura edição em livro dos seus trabalhos dispersos, a Administração da Imprensa Nacional — Casa da Moeda desejaria valesse como homenagem útil à sua memória de homem de cultura e de cidadão, ante a qual respeitosamente se curva».

Publicou ainda *Meninos-Jesus cingalo-portugueses e seus prováveis protótipos flamengos*, (em «Universitas», n.º 25, Salvador/Brasil, 1979), *Imaginária Mariana quinhentista cingalo-portuguesa*, (Actas do VII Congresso Mariológico Internacional de Saragoça, 1979), *O significado iconográfico e mítico dos Bons-Pastores indo-portugueses*, (In Memoriam de Ruben A., 1981) e prefaciou o volume recentemente publicado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura da Região Autónoma dos Açores, intitulado *A Escultura nos Açores*, de Francisco Ernesto de Oliveira Martins que, na dedicatória, refere o prefaciador a quem distingue como homenagem: — «... a D. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora grande mestre e o maior estudioso da escultura flamenga e luso-oriental em Portugal, cuja memória respeitosamente evoco e a quem devo o prefácio deste trabalho».

«Vimaranense por nascimento, pelo sangue — que não enjeito —, por inato sentido da tradição e da portugalidade, pela forma de estar na vida e maneira de ser que, feliz ou infelizmente, se vai perdendo, são-me alheias necessidades pragmáticas de ferir tradições vindas do fundo das eras e que nesta Cidade-Mãe, Monarcas e Senhores, Clero, letrados e povo ajudaram a criar e a manter-se», assim orgulhosamente se afirmava o Eng.º D. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, cujos trabalhos o honram e honram Guimarães.

Por todos estes motivos queremos, nestas páginas do «Boletim» que ele tanto honrou com a sua valiosa colaboração, deixar ao Homem, ao vimaranense e ao chefe de família exemplar, que tudo ele foi, o nosso preito de funda saudade.

*Manuel Alves de Oliveira*